

“Assim caminha a pesquisa em cultura pop, sexualidades e gênero”: Pensar, reivindicar e imaginar existências

Larissa Maués Pelúcio Silva¹
Adriana da Rosa Amaral²
Thiago Soares³

Historicamente, o espaço acadêmico tem suscitado da cultura pop enquanto área relevante para a pesquisa. Considerada como demasiadamente comercial, alienante e, até mesmo de mau gosto, o pop não deveria integrar o reino sagrado do conhecimento científico. Em ambientes das mídias digitais, grupos políticos, *trolls* e uma parte da imprensa ainda reage negativamente a qualquer menção de pesquisas subsidiadas por agências governamentais que tratem questões da cultura pop: “Como assim pesquisa sobre Beyoncé na universidade?”, questionam e atacam temas. Quando se trata de culturas pop outras, pretas, periféricas, trans, a recepção levanta ainda mais suspeitas quanto a validade do que se está produzindo no campo teórico. Os ataques aos estudos sobre o funk carioca, por exemplo, são flagrantes dessa hierarquização que autoriza e reforça a tentativa de criminalização do que é produzido nas margens do hegemônico.

A passos de formiga, mas cheio de vontade, o pop foi avançando e suas temáticas foram inseridas nos circuitos universitários brasileiros, ainda que de forma restrita e nichada. Em uma rápida busca do termo "cultura pop", o Google Acadêmico retorna cerca de 131 mil resultados de artigos escritos em português⁴.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela UFSCAR. Professora do PPG Comunicação da UNESP. Email: Larissa.pelucio@unesp.br

² Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora do PPG Comunicação pela UNIP. Email: adriana.amaral08@gmail.com

³ Doutor em Comunicação pela UFBA. Professor do PPG Comunicação da UFPE. Email: thikos@gmail.com

⁴ Consulta realizada em 10 de novembro de 2023.

Como observam Thiago Soares e Gabriela Almeida (2023, p. XX)

Os estudos sobre Cultura Pop no Brasil apontaram, historicamente, para discussões sobre as relações entre o termo pop (de origem anglófona) e os problemas de sua incorporação enquanto agenda de pesquisa na Academia. Dois movimentos se desenharam: um primeiro, de pensar a centralidade do pensamento frankfurtiano nas Ciências Sociais e mais especificamente na Comunicação, gerando uma hermenêutica reativa para produtos midiáticos de massa - que vinham sob a rubrica de produção alienantes, cujo princípio estético seria de amparo para lógicas maquinicas do capital. Num primeiro momento, ainda sob os ecos pós-1968, pode-se pensar que os estudos sobre Cultura Pop entre as décadas de 1970 e 1980, viviam sob a “sombra” da consolidação do termo “imperialismo”. A forte influência das Teorias Críticas difundidas pela Escola de Frankfurt e a sedimentação do conceito de indústria cultural (Adorno e Horkheimer) enfatizaram o argumento da cultura pop como um dos traços do imperialismo e do colonialismo se espalhando pelo mundo.

Apesar desta ter sido uma perspectiva que não se diluiu de todo, pelo menos desde o final dos anos de 1990, a bastardia das ruas, a estética do vulgar encontrou seu lugar nos textos acadêmicos para além da perspectiva crítica frankfurtiana, mas também pela lente teórica da cultura da mídia como uma pedagogia crítica que reconhece a força política do pop. Madonna não serve só ao mercado, mas corporifica e vocaliza "multidões queer" (PRECIADO, 2011). O pop parece ter sempre falado de sexualidade e de gênero, mesmo quando parecia que não era sobre isso que se tratava o filme, a música, a série, o game, a diva. É essa triangulação potente e política que nos interessa.

A publicação do dossiê "*Gêneros, Sexualidades e Cultura Pop*" pela *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura* (REBEH) representa um marco na expansão das investigações sobre a intersecção de Gênero e Cultura Pop na Academia brasileira. A pesquisa em Cultura Pop no país tem se consolidado nas Humanidades do Brasil nos últimos dez anos mais fortemente em áreas como Comunicação e Mídia, Letras, Ciências Sociais, Relações Internacionais, entre outras, em variadas articulações de abordagens temáticas e teórico-metodológicas.

Mesmo nesse contexto, no entanto, as questões referentes a Gêneros, Sexualidades e Cultura Pop apesar de comparecerem regularmente em dissertações de mestrado e teses de doutorado e em algumas publicações em congressos e em periódicos ainda não haviam ganho um dossiê específico. Nesse sentido, a REBEH amplia o debate sobre o tema trazendo um olhar mais atento para os debates em que as diferentes versões e ficções da cultura pop nos convocam à imaginação de diversas existências.

O grupo de artigos reunidos nesta edição, ensaios e reflexões “fazem aparecer” mais claramente uma produção científica qualificada, amparada tanto em epistemologias consagradas pelas práticas das Ciências Sociais Aplicadas, Artes e Humanidades, como também permite emergir epistemologias dissidentes, desviantes e desviadas na construção do conhecimento.

É importante demarcar o importante papel que pesquisadoras mulheres e LGBTQIA+ têm nas universidades e centros de pesquisa, na criação de questionamentos que passam não somente pela reivindicação de lugares particulares de construção de subjetividades nas práticas científicas, mas também pela ampla circulação de corpos em espaços historicamente destinados a homens, brancos e heterossexuais. É através dessas pessoas que vemos tentativas de outras formas mais afetivas e irônicas de pensar a própria academia num circuito da cultura pop, em suas potencialidades de letramento midiático, edu-comunicação e divulgação científica como indicam Amaral et al (2023) em artigo de relato de experiência sobre popularização da ciência através da linguagem da cultura pop.

Adotamos a popularização da ciência como conceito norteador por entendermos que, devido ao posicionamento dos membros do laboratório como pesquisadores e participantes ativos da cultura digital e da cultura pop, os nossos objetos estão entrelaçados com a prática científica. Nos posicionamos nesses ambientes de forma a estabelecer um constante diálogo com suas instabilidades e metamorfoses, em um

processo contínuo de questionamento crítico dos lugares que ocupamos”
(AMARAL et al, p.168, 2023)

O conjunto de textos que apresentamos neste dossiê reconhece o percurso de dois campos do saber que têm histórias e percursos bastante particulares e que se encontram promovendo salutares “estremecimentos” nos alicerces acadêmicos: os Estudos de Gênero e Sexualidade e as práticas científicas sobre Cultura Pop. Se, por um lado, debater gênero e sexualidade incide em rever padrões normativos, lógicas de poder inscritas nas performances, atravessando corpos, políticas macro e micro institucionais além de assimetrias e desigualdades que emergem das práticas sociais e simbólicas; a discussão sobre cultura pop parece refletir sobre como estes corpos negociam com as esferas midiáticas, com indústrias culturais, do entretenimento, plataformas e redes sociais digitais, apontando para modos de existir e resistir no capitalismo, diante das insurgências de fantasmagorias opressoras no social.

Articulados conjuntamente Estudos de Gênero e Sexualidades e a Cultura Pop provocam questionamentos de como os produtos midiáticos em sua estreita relação com o mercado (MARTINO et. al, 2022), produzida para o entretenimento, muitas vezes percebido como alienante, tem acionado questões de gênero e sexualidade? A resposta pode vir em substantivos próprios: celebridades do *star system* como Marilyn Monroe, Cher, Madonna, Britney Spears, Lady Gaga, Beyoncé, divas pop adoradas por homens gays, modelares para mulheres cis e trans, celebradas pela indústria do entretenimento e apropriadas por uma legião de fãs. A cultura nerd/geek nos desvela os embates entre demarcações de identidades e espaços de representação e consumo LGBTQIAP+ em suas franquias povoadas por personagens e histórias.

A potência destes estudos se reflete também na alta demanda por espaços de circulação dessa produção. Foram 69 submissões, vindas de 15 universidades, passando por uma diversidade de estados e pesquisadoras/es.

Os estudos sobre Cultura Pop se configuram em lugares potentes para o debate sobre gênero e sexualidade na medida em que acionam pedagogias midiáticas (KELLNER, 2006) que se configuram em material simbólico para o tecido social. Ídolos, fãs, celebridades, sistemas produtivos midiáticos e esferas de consumo e circulação emergem como ambientes observáveis e analisáveis em investigações. Dos clássicos estudos frankfurtianos sobre Indústria Cultural, em seus ideais de alienação, manipulação e controle; passando pela crítica dos Estudos Culturais britânicos através da reivindicação de uma política dos corpos que emerge dos marcadores de classe, raça e gênero em produtos da cultura popular, chega-se no contemporâneo a uma série de novos impasses: a entrada de um léxico oriundo dos estudos Pós-coloniais, que enxerga a Cultura Pop como um espaço em que se encenam relações de poder, seja a partir das relações entre Norte e Sul Global, seja diante da emergência de novas matrizes identitárias de gênero que fraturam a hegemonia de corpos brancos e cisgênero.

Como vasto campo empírico, as produções inscritas na Cultura Pop passam pela música, quadrinhos, cinema e audiovisual, literatura, espreado-se conceitualmente pelas artes visuais, evocando controvérsias em torno dos clichês, do maniqueísmo, da superficialidade, da repetição, do excesso. Trata-se de um amplo conteúdo para o imaginativo, o onírico e, mesmo, para posicionamentos transgressivos, o que, não raro, tem gerado disputas em torno das identidades de gênero e de sexualidade dissidentes. Nesse campo, as disputas entre gamers, as mega produções filmicas e as construções de mundo da ordem dos seriados que transportaram para telas heróis e heroínas dos HQ, tem gerado um volumoso material para reflexão teórica no campo das Ciências Sociais, Sociais Aplicadas e Humanas.

Pensar a tríade gênero, sexualidade e cultura pop implica em propor leituras “bastardas” (RINCÓN, 2016) e interseccionais para estudos acadêmicos. Ou seja, pensar o quanto a recepção, a incorporação e a performance trazem componentes para rever as pautas que tratam as produções da cultura pop como manipulatórias e

maquínicas - como os primeiros estudos sobre mídia, da Escola de Chicago, passando pela Teoria Crítica frankfurtiana poderiam supor. Neste sentido, ao recorrer às teses sobre bastardização de Omar Rincón, retoma-se as contribuições dos Estudos Culturais de matriz latino-americana. Como grande discípulo de Jesús Martín-Barbero, com quem conviveu intimamente, Rincón radicaliza a proposta dos estudos das mediações para acionar a pergunta: o que fazemos com as mídias? Como as usamos em nosso favor, diante das nossas contingências e nossos interesses e subjetividades? Neste sentido, os estudos sobre Cultura Pop apresentam uma aposta na recusa, a priori, sobre a tese da manipulação e também do imperialismo - dois termos fortemente empregados nos primeiros estudos sobre Cultura Pop ainda na década de 1970. Entende-se as engenhosidades do capital na cultura, suas buscas por ampliações de público e de mercado, mas estes argumentos parecem turvar também a sagacidade de consumidores, fãs e apreciadores da cultura pop que também realizam gestos de reconhecimento e rechaço diante de ditames pré-estabelecidos.

Neste sentido, dinâmicas transnacionais de consumo que, embora reconheçam dinâmicas de poder entre Norte e Sul Global, têm visualizado fluxos múltiplos que permitem, através das conexões em rede, elos geopolíticos improváveis. A popularização de produções oriundas das periferias do mundo, incluindo a América Latina e a África, por exemplo, acionam pensar em entre-lugares, produções mestiças diante de quadros complexos sobre as relações de poder e identidade a partir da cultura midiática (SANTIAGO, 2000). Nesta direção, a mídia é um espaço que busca refletir as relações raciais implicadas na produção, circulação e dinâmicas de ressignificação a partir da cultura pop, ressaltando o social como ambiente de produção de subjetividades antirracistas que apontam para a compreensão da cultura pop como espaço propício à emergência de artistas que mobilizem estéticas e narrativas afrodiaspóricas, compreendendo, entre outros aspectos, o Afrofuturismo como estética de resistência presente em produções mainstream.

A questão racial aparece com centralidade no conjunto de textos reunidos neste dossiê. As epistemologias feministas negras aparecem em “Rainha da Favela: Rupturas e Continuidades das Imagens de Controle”, de Thamires Coelho (UFMT) e Nealla Machado (UFMT). As autoras consagram o conceito de imagem de controle de Patricia Hill Collins como aparato para debate sobre o videoclipe da cantora Ludmilla (COELHO, MACHADO, 2023) A noção de imagem de controle implica também em localizar lugares de resistência, reinvenção e reconfiguração de imaginários, por isso, o questionamento: seria a cultura pop um local possível de edificação de utopias? A aposta positiva para esta questão vem na forma de artigos como “Ela tem pau, e a outra também tem pau”, de Larissa Pelúcio (UNESP) e Leonardo Maciel (UNESP). A partir da produção da dupla de multiartistas travestis Isma e Vita, Pelúcio e Maciel apostam na potência disruptiva e cuir do pop-poc periférico. "Ser poc é estar na intersecção entre gênero, classe, raça e território" (PELÚCIO, MACIEL, 2023, p. XX)

A trans racialização emerge também no artigo de Ítalo Rômany (UFRN) e Daniel Meirinho (UFRN) em torno de uma importante artista pop brasileira em “ 'Meu nome é Bond, Danny Bond': performances audiovisuais trans racializadas na cena bregafunk”, texto que conversa particularmente com as reclassificações musicais derivadas do artigo "MPBixa e MPBTrans: O 'corre' pela visibilidade de uma cena musical emergente", de Solluá Borges Ramires de Souza (Unicamp). A cena pop-periférica é também locus para denúncia da "violência transfóbica cotidiana, a invisibilidade das dissidências de gênero, assim como sexo, prostituição desejo e sexualidade" (SOUZA, 2023, p. XX).

Debater a Cultura Pop e sua relação com os Estudos de Gênero e Sexualidade implica diretamente rever padrões de escrita e de tradução de saberes para formatos consagrados academicamente. Neste sentido, há um conjunto de textos que colocam em suspeita a escrita acadêmica, deslizando entre o confessional e o teórico. Em “Melancolia Pop: Confissões do Rapaz mais Triste do mundo”, Denilson Lopes (UFRJ)

costura subjetividades amparadas no cinema como forma de refletir o pop como uma espécie de encontro, em que sujeitos LGBTQIA+ tateiam por telas, fones de ouvido e páginas de livros em busca de um desejo pelo Outro que pode ser si mesmo. É neste contexto que Dieison Marconi (UFRJ) encontra a melancolia do desencontro em “Ao rapaz que me amou, ao rapaz que eu amei: Um ensaio sobre experiência estética, cultura pop e desencontro amoroso” em que o relato se converte em debate experiencial e estético. O mesmo percurso é trilhado por Ribamar José de Oliveira Junior (UFRJ) em seu “Divas decadentes”, em que voz e performance são catalisadores de encontros e existências possíveis.

As relações entre cultura pop e tecnologias de gênero (LAURETIS, 1994), o pós-humanismo e outros movimentos e obras ficcionais/artísticas discutem as transições e corpos entre humanos e máquinas e processos de ciborgização, gênero e sexualidade (HARAWAY, 2000) no artigo A máquina do gênero na cultura pop, de Thiago Soares (UFPE) e Gabriela Almeida (ESPM).

Há textos que questionam propostas teórico-metodológicas para compreensão de fenômenos da cultura pop que coloquem em suspeita matrizes hegemônicas do campo de produção acadêmica (SOARES, 2012), realçando a produções de subjetividades, afetos e emoções como centrais para a produção das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. O artigo “O Que é Queer sobre os Estudos de Jogos Queer?”, de Lucas Goulart (Unip) enseja questionar a própria noção de queer, assim como “Discourses on media, LGBT+ representation”, de Igor Leonardo Santana Torres (UFBA) e “A fluidez da transição”, de Luís Mauro Sá Martino (PUC-SP) e Ariel Giagio (PUC-SP) apontam para o deslize de categorias mais estáveis como forma de enfrentamento de análises comunicacionais e as não binariedades como proposta metodológica.

No contexto da plataformização da cultura pop (BECKO & AMARAL, 2021), música, quadrinhos, games, séries, filmes, fanfics, mobilizações via hashtags etc. - com sua vocação transcultural e altamente mercadológica e paradoxal, traçam linhas de

tensão que atravessam os produtos midiáticos, suas audiências e oferecem uma rica linguagem para os debates sobre gênero, sexualidade, raça, nacionalidades e gerações. Neste sentido, é bastante salutar a presença de artigos que refletem a emergência de uma cultura geek ou nerd profundamente paradoxal e complexa em suas naturezas processuais e comunicacionais. "(Com ela) A Noite é escura e cheia de terrores: Melisandre e a mulher/bruxa em as Crônicas de Gelo e Fogo e em Game of Thrones", de Felipe Viero Machado (UFOP), "Cultura pop e a potência de situações comunicacionais: Uma leitura crítica da série The Handmaid's Tale", de Aryanne de Oliveira Araújo (UFOP) e "Femslash e afirmação de identidades de gênero e sexualidade dissidentes no fandom de She-Ra e as Princesas do Poder", de Cecília Almeida (UFPE), Daiana Sigiliano (UFJF), Diego Gouveia (UFPE) sintetizam a consagração de estudos que tomam as séries, os desenhos animados e as franquias como lugares de refinadas reflexões sobre gênero.

O artigo "A Representação Feminina no filme Capitã Marvel", de Thayline de Freitas Bernadelli (UEPR) e Márcio José Pereira (UEPR), abre caminho para perspectivas sobre as audiências e fãs da cultura pop em relação às disputas sobre gênero, corpos, idades, sexualidades em relação aos ativismos daí decorrentes. Por isso, o texto "Will & Grace, Modern Family e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo gênero nos EUA", de Neldo Menezes de Souza Neto (UFBA); Alice dos Santos Silva (UFS) e Kaippe Arnon Silva Reis (UFS) aponta para as relações entre produção cultural e legislação que garante direitos a populações LGBTQIA+.

Definitivamente, o pop tem se tornado um campo político. Madonna personifica e vocaliza o vínculo do pop com as bandeiras pela diversidade de sexualidade e gênero desde o início da carreira, como discutem Ricardo Freitas (UERJ), Rafael Nassif (UERJ), Igor Lacerda (UERJ) em "Let me blow up this house tonight'- Narrativas jornalísticas sobre a expressão estética de Madonna no Grammy Awards 2023". A partir

da análise de narrativas, os autores vão além do gênero como marcador social, trazem o envelhecimento do e no pop como um fenômeno recente e, portanto, pouco explorado.

Se pensar um pop que envelhece é algo novo, só para brincarmos com oxímoros, abordar a produção do entretenimento pop sob lentes orientalistas (SAID, 2007) é também uma novidade. Ainda que, de fato, o Oriente como território imaginado pelo Ocidente, tenha sido frequentemente ficcionado em filmes, séries, HQs e games. As contribuições dos Estudos Culturais e Pós-coloniais aparecem nos dois textos que fecham este dossiê. Em “O meu nome é Dalila: possíveis intersecções entre as figuras da vilã de telenovela e do Outro oriental em 'Órfãos da Terra' (2019)”, escrito por Valquíria Michela John (UFPR) e Beatriz Martins de Castro (UFPR). As autoras mostram como a telenovela analisada por elas, a vilã Dalila se tornava uma espécie de metonímia desse Outro ambíguo: a árabe sedutora, a muçulmana que reúne em si a “maldade” feminina e a “clandestinidade” oriental.

A mídia e a literatura disponíveis para o público, geralmente contam apenas uma história. Os perigos de uma história única (ADICHIE, 2019) aparecem no artigo "Orientalismo e anticiganismo na cultura pop", fruto da experiência pedagógica do Coletivo Hunna: Historiadoras que Dançam. Nina Ingrid Caputo Paschoal (Unifesp), Francismara Lelis (Roehampton University), Naiara de Assunção (PUC-RS) e Jéssica Prestes (UFRRJ), cotejam produtos da cultura pop com obras eruditas, para mostrar como anticiganismo e o orientalismo como ferramentas de exclusão e vilanização não são recentes. As produções ali analisadas vão das óperas ao *live action*, passando por clássicos da literatura mundial. O artigo explora a capacidade desses produtos em reiterar estereótipos, não por acidente, mas como "parte de um projeto político de subjugação que possui entre seus tentáculos a produção e reprodução de hierarquias de raça e gênero" (PASCHOAL, LELIS, ASSUNÇÃO, PRESTE, 2023, p. xx). Se o pop não poupa as figuras que desafiam a razão branca e ocidental, o que fazemos com essa produção é, paradoxalmente, parte da potência disruptiva do pop.

Por fim, queremos contar para quem nos lê, que selecionar apenas 19 artigos em um universo de quase 70 submissões foi um desafio que tomou meses de trabalho, mas que também nos brindou com uma produção fértil e poderosa. Agradecemos a cada pessoa que apostou nessa proposta! Com essa seleção de artigos aqui reunidos, esperamos mostrar que as potências políticas do pop no Sul Global vem das dissidências sexuais, das margens sociais e dos gêneros insubmissos.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Cecília, SIGILIANO, Daiana, GOUVEIA, Diego. Femslash e afirmação de identidades de gênero e sexualidade dissidentes no fandom de She-Ra e as Princesas do Poder. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 304-333, 2023.
- AMARAL, Adriana., BLANCO, Beatriz., GOVARI, Caroline., CORDOVA, Jonara., TABASNIK, Rafaela., CAETANO, Stella., LARRUBIA, Tatyane., & BECKO, Larissa Tamborindenguy. (2023). CULTPOP: estratégias e experiências para a popularização da ciência e da cultura pop. **Comunicação & Educação**, 28(1), 165-184. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v28i1p165-184>
- AMARAL, Adriana, MOMBACH, Bruna, MÜLLER, Stephanie.. Estudos de fãs no Brasil: levantamento de artigos publicados em periódicos na área de Comunicação. **Revista Temática**, João Pessoa, v.18,n12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2022v18n12.64861>
- ARAÚJO, Aryanne de O. Cultura pop e a potência de situações comunicacionais: Uma leitura crítica da série The Handmaid's Tale. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 44-76, 2023.
- BECKO, Larissa Tamborindenguy; AMARAL, Adriana. "DON'T PANIC!": PISTAS E PROBLEMATIZAÇÕES PARA PENSAR AS LACUNAS CONCEITUAIS NAS (IN) DEFINIÇÕES DE CULTURA POP. **Cult de Cultura: Revista interdisciplinar sobre arte sequencial, mídias e cultura pop**, v. 1, n. 01, p. 37-51, 2021.
- BERNARDELLI, Thayline de F., PEREIRA, Márcio J.. A Representação Feminina no filme Capitã Marvel". **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 352-381, 2023.
- COELHO, Thamires, MACHADO, Nealla. Rainha da Favela: Rupturas e Continuidades das Imagens de Controle. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 158-187, 2023.
- DE SOUZA NETO, Neldo M. SILVA, Alice dos S., REIS, Kaippe A. S.. Will & Grace, Modern Family e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo gênero nos EUA. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 334-351, 2023.
- DE SOUZA, Soluá R. MPBixa e MPBTrans: o "corre" pela visibilidade de uma cena musical emergente em contexto digital. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 188-217, 2023.
- DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro, Rocco,1994.
- GOULART, Lucas. O Que é Queer sobre os Estudos de Jogos Queer?. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 447-473, 2023.

JOHN, Valquíria M., DE CASTRO, Beatriz M.. O meu nome é Dalila - “O meu nome é Dalila”: possíveis interseções entre as figuras da vilã de telenovela e do Outro oriental em “Órfãos da Terra” (2019). **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 6, n. 21, p. 275-303, 2023.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

LACERDA, Igor, PIZZA, Rafael N. T., FREITAS, Ricardo F.. “Let me blow up this house tonight”: Narrativas jornalísticas sobre a expressão estética de Madonna no Grammy Awards 2023. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 218-244, 2023.

LOPES, Denilson, “Melancolia Pop: Confissões do Rapaz mais Triste do mundo”. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 382-397, 2023.

MACHADO, Felipe. (Com ela) A Noite é escura e cheia de terror: Melisandre e a mulher/bruxa em as Crônicas de Gelo e Fogo e em Game of Thrones. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 245-274, 2023.

MARCONI, Dieison. Carta ao rapaz que me amou, ao rapaz que eu amei: Um ensaio sobre experiência estética, cultura pop e desencontro amoroso. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 427-446, 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ribamar. Divas decadentes: o glorioso corpo-som das estrelas que caem. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 398-426, 2023.

PASCHOAL, Nina I. C., LELIS, Francismara, DE ASSUNÇÃO, Naiara, PRETES, Jéssica. Orientalismo e anticiganismo na cultura pop. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 499-524, 2023.

PELÚCIO, Larissa, MACIEL, Leonardo. “Ela tem pau, e a outra também tem pau”: Atraveçamentos pop-poc-periféricos na música transviada das Irmãs de Pau. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 137-157, 2023.

SÁ MARTINO, Luís Mauro. GIAGIO, Ariel. A fluidez da transição”. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 113-136, 2023.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SOARES, Thiago, ALMEIDA, Gabriela. A máquina do gênero na cultura pop. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 17-43, 2023.

TORRES, Igor. Discourses on media, LGBT+ representation. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.6, n. 21, p. 77-112, 2023.